

Área: Sustentabilidade | **Tema:** Produção, Cadeia de Suprimento e Logística Sustentável

SUSTENTABILIDADE SOCIAL DE ORGANIZAÇÕES PECUÁRIAS NA CAMPANHA GAÚCHA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MÉTODO MESMIS.

SOCIAL SUSTAINABILITY OF LIVESTOCK ORGANIZATIONS IN THE CAMPANHA GAÚCHA CAMPAIGN: AN ANALYSIS FROM THE METHOD MESMIS.

Sávio Costa Borges, João Garibaldi Almeida Viana, Carolina Freddo Fleck e Ana Alzira Mendez Nunes

RESUMO

As ações do ser humano que causam, ano após ano, a modificação das condições naturais do ecossistema, despertam uma crescente busca por sustentabilidade dentro das organizações. Nesse espectro, o próprio entendimento sobre sustentabilidade tem suscitado discussões e proporcionado o surgimento de teorias. Uma das mais difundidas, é a teoria que traz o conceito de um tripé da sustentabilidade, estruturado nos âmbitos social, econômico e ambiental. O presente estudo foca na análise da dimensão social da sustentabilidade, tendo as organizações pecuárias da Campanha Gaúcha como objeto de estudo, fazendo uso do método Marco para Evaluación de Sistemas de Manejo de Recursos Naturales Incorporando Indicadores de Sustentabilidad (MESMIS). A metodologia utilizada foi estruturada a partir de uma pesquisa quantitativa, de caráter descritivo e explicativo, com amostragem de 115 organizações pecuárias da Campanha Gaúcha. O método MESMIS foi utilizado para a construção do instrumento de coleta de dados, a posteriori lançando uso da estatística descritiva para analisar a sustentabilidade social das organizações pecuárias. Os achados desse estudo apontam para um indicador de sustentabilidade social acima da média na região da Campanha Gaúcha, demonstrando que há uma boa base de formação, valorização dos saberes locais, qualidade de vida e sucessão nas organizações estudadas.

Palavras-Chave: pecuária pampa sustentabilidade

ABSTRACT

The human actions that cause, year after year, the modification of the natural conditions of the ecosystem, awaken a growing search for sustainability within organizations. In this spectrum, the very understanding about sustainability has aroused discussions and provided the emergence of theories. One of the most widespread is the theory that brings the concept of a sustainability tripod, structured in the social, economic and environmental spheres. This study focuses on the analysis of the social dimension of sustainability, having the livestock organizations of the Campanha Gaúcha as the object of study, making use of the method Marco para Evaluación de Sistemas de Manejo de Recursos Naturales Incorporando Indicadores de Sustentabilidad (MESMIS). The methodology used was structured from a quantitative, descriptive and explanatory research, with sampling of 115 livestock organizations of the Campaign Gaucha. The MESMIS method was used to construct the data collection instrument, subsequently using descriptive statistics to analyze the social sustainability of livestock organizations. The findings of this study point to an above-average social sustainability indicator in the Campaign Gaúcha, demonstrating that there is a good base of formation, valorization of the local knowledge, quality of life and succession in the studied organizations.

Keywords: livestock pampa sustainability

SUSTENTABILIDADE SOCIAL DE ORGANIZAÇÕES PECUÁRIAS NA CAMPANHA GAÚCHA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MÉTODO MESMIS

1 INTRODUÇÃO

A Terra vem sofrendo as consequências da ação do ser humano, o qual modifica as condições naturais do ecossistema em busca da atenção as suas necessidades. Dessa realidade, emergiu a discussão acerca da sustentabilidade, a qual objetiva um desenvolvimento que satisfaça as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprirem as suas próprias necessidades (BRUNDTLAND, 1987).

A respeito disso, Adams et al. (2016) afirma que essa crescente preocupação com o esgotamento dos recursos naturais, resultado de um consumo exacerbado, aliado a degradação do meio ambiente, fez com que a sociedade demandasse práticas que tornassem as relações ambientais, econômicas e sociais mais sustentáveis. Nesse vórtice, era esperado que as organizações revissem seu posicionamento e atendessem a demanda dos seus consumidores, agregando estratégias que contemplassem a sustentabilidade na sua forma de operar. Destaca Montibeller Filho (2007) que essa exigência do consumidor por sustentabilidade tornou-se uma oportunidade de mercado, fazendo com que mais organizações se interessassem pelo tema e o incorporassem, agregando valor aos seus produtos e serviços.

Apesar disso, o conceito de sustentabilidade ainda é alvo de discussões, buscando não vincular o conceito apenas ao aspecto ambiental, mas também as questões econômicas e sociais. De acordo com Rattner (1999), o reconhecimento e valorização da sustentabilidade social, que abrange questões de equidade e respeito a diversidade e características dos atores sociais, é fundamental para que haja avanço teórico e prático no tema.

O gerenciamento desses fatores dentro de organizações contemporâneas é um desafio que tange a sua própria continuidade e conseqüente evolução. Ainda, ao encontro desse pensamento, a Western Australian Council of Social Service (2002) afirma que a sustentabilidade social ocorre quando os processos formais e informais, sistemas e estruturas e comunidades são sinérgicas, proporcionando ambiente equitativo, diversificado e democrático, gerando qualidade de vida aos entes envolvidos. Para McKenzie (2004), a sustentabilidade social engloba recursos como equidade no acesso a saúde, educação, transporte, recreação e habitação, equidade entre gerações, onde a que for sucedida não prejudique as atividades da sucessora e valorização dos traços culturais, entre outros.

Nesse contexto, o presente estudo dispõe lentes sobre a região da Campanha Gaúcha, reconhecida pelos seus extensos campos naturais, de relevos planos e ondulados, historicamente ligados à produção extensiva da pecuária, e que possui nessa cultura o vetor de características socioculturais seculares, as quais estão presentes na vida da população que ocupa o sudoeste do Rio Grande do Sul (FONTOURA; QUADROS, 2000).

Após os anos 2000, essa região, tradicionalmente dedicada à atividade da bovinocultura de corte e ovinocultura destinou importante parcela de sua área para a produção de soja, ocasionando mudanças estruturais no cenário da pecuária do Bioma Pampa (SILVEIRA et al., 2017). De acordo com dados do IBGE (2019), a área plantada de soja na metade sul do Rio Grande do Sul passou de 178.200 hectares no ano de 2000 para 1.039.801 hectares em 2017, demonstrando uma expansão 583% no período. Dessa forma, ao modificar a estrutura de produção existente, as próprias configurações sociais acabam por modificar-se, alterando o padrão socioeconômico da região.

A partir essa problemática, o presente trabalho teve por objetivo analisar a sustentabilidade social de organizações pecuárias na Campanha Gaúcha por meio do uso do

método *Marco para Evaluación de Sistemas de Manejo de Recursos Naturales Incorporando Indicadores de Sustentabilidad* (MESMIS).

O artigo está estruturado em cinco tópicos. Após a introdução, é exposta uma revisão da literatura sobre conceitos e dimensões da sustentabilidade em sequência, a metodologia é apresentada, definindo o método MESMIS como elemento central da construção e análise dos indicadores de sustentabilidade social. Em seguida, os resultados são apresentados e discutidos com a literatura. Por fim, são apresentadas as principais conclusões do estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura do presente estudo visa discutir o desenvolvimento teórico acerca da sustentabilidade. Assim sendo, busca-se conceituar o entendimento da teoria a respeito do termo sustentabilidade, além de explicitar o conceito de *Tripple Bottom Line*, que contempla as dimensões da sustentabilidade. Sequencialmente, busca-se aprofundar a discussão acerca do pilar social da sustentabilidade.

2.1 A Sustentabilidade e as suas Dimensões

O avanço tecnológico fez com que o ser humano modificasse a sua relação com o meio ambiente onde está inserido, passando a realizar transformações nesse espaço que atendessem as suas expectativas de modo de vida e adaptabilidade as inovações tecnológicas. Segundo Egri e Pinfield (1999), os efeitos que a humanidade está sentindo decorrentes da degradação do meio ambiente em dimensões crescentes, tem como consequência manter as discussões sobre as implicações ambientais decorrentes da exploração do meio pelo homem como foco. Nesse contexto, Dixon e Fallon (1989) destacam a importância do relatório de Brundtland nas discussões políticas que ocorreram na década de 1980, edificando o conceito de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável, sintetizados no documento “Nosso Futuro Comum” e que são utilizados, por vezes até com interpretações conflitantes, para subsidiar ações e políticas na temática da sustentabilidade.

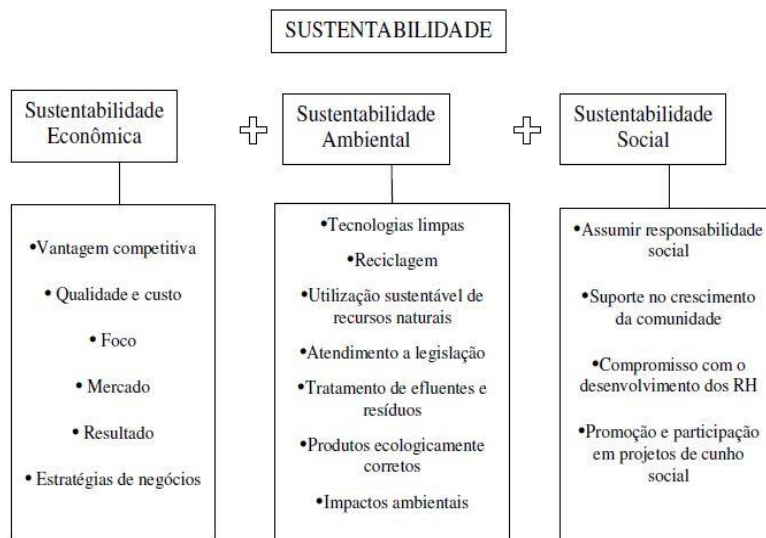
Ao encontro da afirmativa anterior, Mebratu (1998) destaca que superar correntes de interesses institucionais ou de determinados grupos é fundamental para um melhor entendimento do conceito da sustentabilidade e para que, em um determinado momento, seja possível se alcançar o que se espera de um mundo sustentável.

Para Sachs (2000), a questão da sobrevivência do homem está diretamente ligada à sua capacidade de conviver harmonicamente com o meio ambiente em que habita, sendo possível buscar o desenvolvimento sem ocasionar grandes degradações, utilizando a ciência e a tecnologia como auxiliares nessas práticas sustentáveis.

O conceito de sustentabilidade foi apropriando diversas ideias no decorrer dos anos, não sendo mais compreendido apenas como uma iniciativa de cunho ambiental, mas sim agregando outras dimensões. Elkington (1994) trouxe à tona o seu conceito da *Triple Bottom Line*, também conhecido como o Tripé da Sustentabilidade, onde o autor justificava que uma organização precisava ser economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente correta. Ao abordar essas três dimensões (ambiental, econômica e social), a sustentabilidade ganhou um grau de complexidade ainda maior, sendo compreendida como a convergência das três dimensões

Dessa forma, o tripé de sustentabilidade apresentado por Elkington (1994), se tornou base teórica para algumas organizações e pesquisadores, tornando um conceito amplo como o da sustentabilidade mais compreensível. E possibilitando, ainda, a partir da análise de cada uma das três dimensões, a adoção de estratégias que contemplem cada um dos eixos.

Figura 1 – O tripé da sustentabilidade.



Fonte: Coral (2002, p. 129)

Na Figura 1, Coral (2002) traz para a discussão alguns dos diversos elementos que dão forma as dimensões da sustentabilidade e que, em análise conjunta permitem uma melhor compreensão desse fenômeno. Observa-se que a dimensão econômica contempla não aspectos tangíveis de capital das organizações, mas também o seu posicionamento de mercado, ao passo que a dimensão ambiental transpassa o simples entendimento de medidas reativas como gestão de resíduos, estimulando ações proativas como a de análise de possíveis impactos ambientais das ações humanas. Por fim, a dimensão social aporta olhares não apenas para a sociedade externa à organização, como também aos agentes que integram essa.

Esse pensamento mais macro, como enfatizou, por exemplo, Gonçalves (2005), acentua-se nas atitudes das pessoas com o passar do tempo, desde a prática de pequenas ações, como por exemplo, a separação e reciclagem do lixo, até grandes estratégias sustentáveis desenvolvidas por organizações de grande porte, fazendo que a sustentabilidade se torne cada vez mais consolidada e presente na realidade do planeta.

2.2 As Dimensões Ambiental, Econômica e Social e as Organizações

Para Kolk, Hong e Van Dolen (2010), a dimensão ambiental de sustentabilidade está associada diretamente as condições do planeta e os impactos que o mesmo sofre a partir da ação do homem. Discorrem, também, que os impactos ambientais das atividades das organizações aumentaram nos países ocidentais durante a primeira década dos anos 2000.

Nesse contexto, a dimensão ambiental preconiza o interesse que os agentes têm no intuito de minimizarem os impactos causados aos ecossistemas, inclusive na preservação da diversidade biológica, pelo uso dos recursos existentes na natureza e, não obstante, pela emissão de elementos poluentes que acentuam o processo de degradação (BARBIERI et al., 2010).

Dentre os três pilares da sustentabilidade, o pilar social é o que ainda carece de maior estudo e compreensão, visto que o seu entendimento e a conduta prática ainda estão disformes e carecem de maior assertividade. Acompanha-se, em algumas tentativas, que a dimensão social emerge na busca de acrescer variáveis de bem-estar, onde destaca-se a divisão equânime de bens (ambientais ou não) e a participação democrática, além de procurar capacitar grupos com maior vulnerabilidade social, para que estes participem como agentes dos processos.

Com isso, se um projeto conseguir capacitar os novos atores com uma agenda clara de fortalecimento da dimensão social, isso poderia tornar essa dimensão mais integrada em

projetos futuros (VIFELL; SONERYD, 2012). Ao encontro disso, ressaltando a importância de um ambiente democrático e que compreenda o indivíduo com as suas particularidades, considerando sua formação heterogênea, Siche et al. (2007) afirmam que a dimensão social da sustentabilidade possui raízes que cercam de objetivos fundamentais como uma equitativa distribuição de renda e a minoração das diferenças sociais.

Com o atual padrão de produção e consumo de produtos bens e serviços parece se consolidar na sociedade atual, cada vez mais a busca por estratégias que aliem políticas de desenvolvimento e sustentabilidade vem ocupando espaço dentro das organizações, com o intuito de alcançar o equilíbrio entre aspectos econômicos, sociais e ambientais (BARBOSA, 2008).

Ainda para a autora, “o desenvolvimento sustentável deve ser uma consequência do desenvolvimento social, econômico e da preservação ambiental” (BARBOSA, 2008, p. 5). Ou seja, a existência de uma das partes está diretamente relacionada a outra, e que sem um dos pilares citados, seria difícil de se concretizar ou realizar o desenvolvimento sustentável, seja de uma organização ou de uma instituição pública ou privada.

Nesse mesmo contexto, Barbieri et al. (2010) em estudo realizado sobre o surgimento de novos segmentos de empresas sustentáveis, denominadas de modelos de organizações inovadoras sustentáveis, afirmam que o desenvolvimento com foco na sustentabilidade é considerado como um movimento que possui grande importância, ganhando cada vez mais espaço dentro das organizações.

No que tange em específico a dimensão social da sustentabilidade, a qual é alvo do presente estudo, destaca McKenzie (2004) que essa é compreendida como sendo uma condição para que se verifique melhoria de vida dentro das comunidades, além de configurar-se como um processo nesse meio. Ainda sobre a definição dessa dimensão, Vallance, Perkins e Dixon (2011) discorrem que esse conceito foi ficando à margem das discussões sobre sustentabilidade, sendo privilegiadas as outras dimensões. Os autores ainda denotam que a literatura peca ao conceituar a sustentabilidade social, o que compromete, muitas vezes, sua tematização.

Contudo, McKenzie (2004) elenca indicadores que preconiza serem condicionais para que se identifique os níveis de sustentabilidade social, são eles: equidade de acesso a serviços essenciais, equidade entre gerações, um sistema de relações culturais em que os aspectos positivos de culturas diversas são valorizados e protegidos, a participação política generalizada dos cidadãos, um sistema de transmissão da consciência de sustentabilidade social de uma geração para a seguinte, além de mecanismos e senso próprios de autogestão e defesa políticas das comunidades.

3 METODOLOGIA

Com o propósito de analisar a sustentabilidade social nas organizações pecuárias da Campanha Gaúcha, o presente estudo caracterizou-se como sendo de natureza descritiva e explicativa. O estudo utilizou de uma abordagem quantitativa, por meio do método *Marco para Evaluación de Sistemas de Manejo de Recursos Naturales Incorporando Indicadores de Sustentabilidad* (MESMIS).

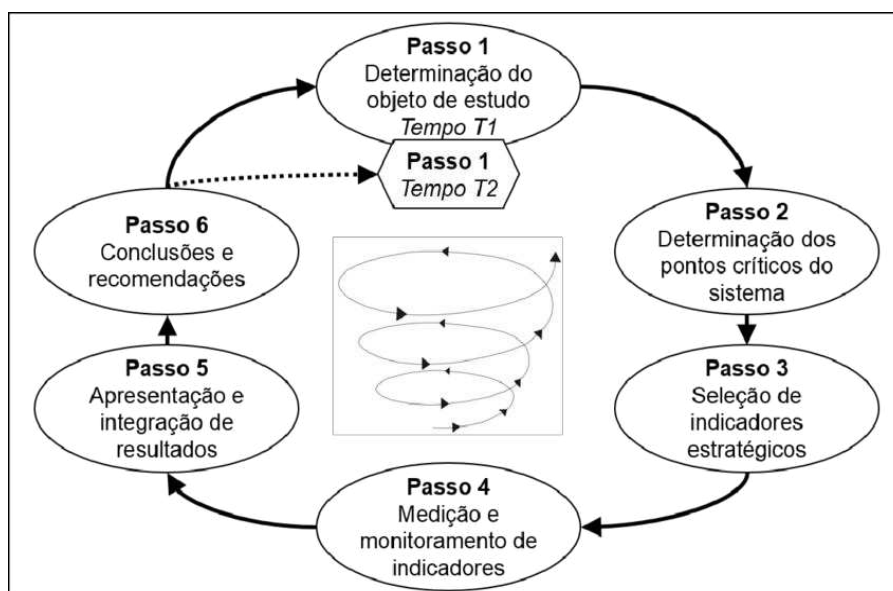
Segundo López-Ridaura, Masera e Astier (2002), o método MESMIS originou-se em estudos dirigidos por uma equipe de pesquisadores do México e caracteriza-se como uma abordagem interdisciplinar que tem como objetivo avaliar a sustentabilidade de um agroecossistema, valendo-se de definições operacionais, indicadores e práticas.

Nesse sentido, o método MESMIS objetiva que a sustentabilidade, ainda bastante debatida conceitualmente na teoria, seja identificada e trabalhada por meio de medições. Dessa forma, são geradas variáveis e indicadores que ajudarão na compreensão de fatores sustentáveis

dos ecossistemas produtivos, permitindo a adoção de estratégias e políticas adequadas (MASERA; ASTIER; LÓPEZ-RIDAURA, 1999).

O método MESMIS possui uma estrutura que pressupõe algumas etapas, assim definidas por López-Ridaura, Masera e Astier (2002): a) A sustentabilidade é constituída de um conjunto de sete atributos gerais: produtividade, estabilidade, confiabilidade, resiliência, adaptabilidade, equidade e a autossuficiência; b) A análise de sustentabilidade através da aplicação do MESMIS é representativa para um sistema de produção específico em determinado local, o qual precisa ter uma prévia delimitação espacial (região, comunidade e unidade de produção), e em um recorte temporal pré-determinado; c) A etapa de avaliação de sustentabilidade deve passar por um processo construtivo e participativo, através da formação de uma equipe de trabalho com uma perspectiva interdisciplinar. Nessa equipe, é importante contar com a presença de avaliadores externos e internos (produtores rurais, classe técnica, representantes da comunidade, pesquisadores, setor público, etc.); d) Para a etapa de mensuração da sustentabilidade, é necessário realizar a comparação de dois ou mais sistemas produtivos. Essa comparação pode ser realizada em corte transversal ou longitudinalmente.

Figura 2 – As etapas do ciclo de avaliação método MESMIS.



Fonte: Cândido et al. (2015).

Conforme o modelo da Figura 2, delimitou-se como objeto de estudo as organizações pecuárias da região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul. Para análise do objeto, a técnica de coleta de dados escolhida foi o questionário, com o objetivo de mensurar indicadores de sustentabilidade social.

A construção dos indicadores iniciou com a etapa 2 do ciclo de avaliação do método MESMIS, no estabelecimento de um grupo focal com pesquisadores e extensionistas a fim de levantar os pontos críticos dos sistemas pecuários na Campanha Gaúcha. É importante ressaltar que a constituição desse grupo seguiu a premissa de interdisciplinaridade apontada pelo método, tendo a participação de pesquisadores da Universidade Federal do Pampa, Universidade Federal de Santa Maria e técnicos da EMATER/RS-ASCAR. Em seguida, foi estabelecido um novo grupo focal, com participação de produtores rurais, para a construção e seleção dos indicadores de sustentabilidade social da pecuária (etapa 3 do ciclo de avaliação), tendo como referência os pontos críticos levantados na etapa anterior. Como resultado, foram definidos indicadores para mensuração da sustentabilidade compondo quatro âmbitos sociais:

a) Formação; b) Participação e Saberes Locais; c) Qualidade de Vida e; d) Sucessão. Para cada indicador foi atribuído um peso de acordo com o entendimento dos participantes do grupo focal, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Indicadores de Sustentabilidade Social construídos para pesquisa.

| Âmbitos | Peso | Indicadores | Peso | Variáveis | Peso |
|---|------|------------------------------------|------|---|------|
| Formação | 15 | Formação e Capacitação Produtiva | 15 | Educação formal | 10 |
| | | | | Cursos de atualização | 5 |
| Participação e Saberes Locais | 10 | Participação em Espaços Coletivos | 5 | Participação em associações/núcleos de produtores | 2 |
| | | | | Participação sindical | 1 |
| | | | | Nível de capacitação de funcionários | 2 |
| | | Tradição e Experiência na Pecuária | 5 | Tempo de vivência da família na pecuária | 2,5 |
| | | | | Importância do conhecimento local, cultural e tradição | 2,5 |
| | | | | | |
| Qualidade de Vida | 50 | Infraestrutura de moradia | 12 | Estrutura da casa dos proprietários | 6 |
| | | | | Estrutura da casa dos funcionários | 6 |
| | | Água e Luz | 12 | Fonte e qualidade da luz | 6 |
| | | | | Fonte e qualidade da água | 6 |
| | | Estradas e Serviços | 12 | Qualidade dos acessos e estradas | 6 |
| | | | | Serviços de saúde e educação | 6 |
| | | Infraestrutura de Produção | 6 | Qualidade e conservação de mangueiras e bretes | 2 |
| | | | | Qualidade e conservação de aramados | 2 |
| | | | | Existência de carregador, balança e banheiro de imersão | 2 |
| | | Direitos dos Trabalhadores | 2 | Direitos e Folga quinzenal aos funcionários | 2 |
| | | Comunicação | 6 | Existência de internet, telefone e televisão | 6 |
| | | Sucessão | 25 | Existência e predisposição de sucessores | 25 |
| Existência de sucessores sem predisposição de gerenciar a organização | 15 | | | | |
| Sem sucessor e titular com idade inferior a 40 anos | 10 | | | | |
| Sem sucessor e titular com idade entre 40 e 59 anos | 5 | | | | |
| Sem sucessor e titular com idade superior a 60 anos | 0 | | | | |

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do ciclo de avaliação MESMIS.

O âmbito de Formação busca apontar dados relativos à educação formal do gestor da propriedade rural, bem como os cursos inerentes a sua função que porventura tenha buscado como forma de qualificar-se. No que se refere a Participação e Saberes Locais, foram analisadas questões referentes aos espaços coletivos, como participação sindical ou em grupo de produtores e raças, a capacitação provida aos funcionários da propriedade, a valorização do conhecimento e da tradição inerentes a exploração pecuária, como por exemplo o trabalho em couro e o artesanato em cordas, muitas vezes usados para a lida diária, e o tempo de vivência da família na pecuária. Já no âmbito da Qualidade de Vida, foram elencadas questões estruturais como moradia disponível para proprietários e funcionários, estrutura de saneamento, acessos e estradas, disponibilidade de meios de comunicação e, também, disponibilidade de serviços

públicos básicos de saúde e educação. Além disso, considerou-se também os direitos e a oferta (ou não) de folgas quinzenais para os funcionários. Por fim, no tocante ao âmbito da sucessão, as variáveis buscam identificar se existem sucessores na propriedade e se existe predisposição desses em assumirem as funções de gestão no futuro. Caso não existam sucessores, as variáveis mensuram a idade do responsável pela propriedade, indicando tendência de ainda haver sucessor.

O resultado final foi a construção do instrumento de coleta de dados (questionário), com as respectivas questões (variáveis) acerca da sustentabilidade social das organizações pecuárias. Dentro desse instrumento, a sustentabilidade social das organizações pecuárias é mensurada em um intervalo de pontuação de 0 (zero) a 100 (cem) pontos, de acordo com seu menor ou maior nível de sustentabilidade. Ainda, o questionário contou com variáveis relativas ao perfil sociodemográfico do produtor e características produtivas da organização pecuária.

Após a construção dos indicadores e instrumento, foi conduzida a pesquisa de campo. O foco do presente estudo é a Campanha Gaúcha, onde a exploração pecuária é ligada culturalmente à região. O território é formado pelo conjunto de três microrregiões gaúchas, nominadas de Campanha Meridional, Campanha Ocidental e Campanha Central, as quais se estendem pela mesorregião sudoeste gaúcho, comportando 19 municípios. Para definição da amostra de organizações pecuárias, utilizou-se da técnica de “Amostragem para uma Estimativa de uma Proporção da População” descrita em Anderson et al. (2005), totalizando 115 estabelecimentos, estratificados conforme a representatividade de rebanho bovino de cada microrregião, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Estratificação da amostra da pesquisa com base nas microrregiões da Campanha Gaúcha

| Microrregião | Amostra de Organizações Pecuárias |
|---------------------|--|
| Campanha Ocidental | 30 |
| Campanha Central | 35 |
| Campanha Meridional | 50 |
| Total | 115 |

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em relação ao instrumento de coleta, foi realizado um pré-teste com dois produtores rurais e dois especialistas para verificar a necessidade de adequação do questionário. Terminada a etapa de pré-teste, a aplicação do questionário nas organizações rurais ocorreu durante os meses de junho a novembro de 2018, por meio do contato e indicações de sindicatos e organizações de apoio. Para análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva, por meio de distribuições de frequência, medidas de localização e representações gráficas em radar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As organizações pecuárias na Campanha Gaúcha apresentam um perfil variado de produtor. A Tabela 2 apresenta as características sociodemográficas da amostra de 115 produtores, distribuídos entre os municípios de Aceguá, Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra, Lavras do Sul, Alegrete, Barra do Quaraí, Garruchos, Itaqui, Maçambará, Manoel Viana, Quaraí, São Borja, São Francisco de Assis, Uruguaiana, Rosário do Sul, Santa Margarida do Sul, Santana do Livramento e São Gabriel.

Tabela 2 - Perfil da amostra por faixa etária, sexo e número de filhos.

| Idade | Frequência (f) | Porcentagem (%) |
|-------------------------|-----------------------|------------------------|
| 20 a 30 | 22 | 19,13 |
| 31 a 40 | 20 | 17,40 |
| 41 a 50 | 22 | 19,13 |
| 51 a 60 | 26 | 22,60 |
| 61 a 70 | 15 | 13,06 |
| 71 a 82 | 8 | 6,95 |
| Não Respondeu | 2 | 1,73 |
| Total | 115 | 100,0 |
| Sexo | | |
| Mulheres | 18 | 15,65 |
| Homens | 97 | 84,35 |
| Total | 115 | 100,00 |
| Número de Filhos | | |
| Sem Filho | 36 | 31,30 |
| Filho Único | 16 | 13,91 |
| Dois Filhos | 40 | 34,78 |
| Três Filhos | 15 | 13,04 |
| Mais de três filhos | 8 | 6,97 |
| Total | 115 | 100,0 |
| Estado Civil | | |
| Casado | 67 | 58,26 |
| Solteiro | 36 | 31,30 |
| Divorciado | 6 | 5,22 |
| Viúvo | 4 | 3,48 |
| União estável | 2 | 1,74 |
| Total | 115 | 100 |

Fonte: Dados da pesquisa.

No que tange a idade, 55,66% dos pesquisados informaram ter até 50 anos idade. Esse número apresenta uma nova perspectiva atrelada a um cenário de produtores mais jovens e em idade de gerarem novos sucessores para darem continuidade a exploração pecuária. Isso é especialmente importante quando se verifica que a maior parte da amostra possui estado civil de casado ou união estável, com 68,70% dos respondentes com filhos.

Sob a ótica da sustentabilidade social, é crível que produtores mais jovens trarão novas ideias para o campo, novas formas de produzir e maior qualidade de vida para o seu meio, seja através de melhores condições de infraestrutura ou tecnologias. Ainda o fato de um número maior de pessoas possuírem cônjuge, tende a auxiliar na fixação do indivíduo no seu meio e a garantir a sua reprodução social, diminuindo as possibilidades de descontinuidade da propriedade.

De outro lado, a masculinização do ambiente rural é fator de preocupação, visto que 84,35% dos produtores questionados são homens. Tal fato demonstra ainda que o ambiente rural é discriminatório para o sexo feminino, em especial para funções mais gerenciais. Isso gera especial apreensão quando é abordada a questão sucessória, visto que o êxodo da mulher do campo tende a gerar não apenas a descontinuidade das famílias, como também a perda de formas de socialização características de certas configurações sociais, afetando diretamente a sucessão das organizações rurais (CAMARANO, ABRAMOVAY, 1999).

Do ponto de vista da posse da terra, é possível verificar na Tabela 3 que a grande parte

das organizações pecuárias da amostra possuem área própria, sendo que poucas arrendam seu patrimônio para exploração de terceiros.

Tabela 3 - Característica de posse da terra e existência de mão de obra permanente nas propriedades pesquisadas.

| Item | Frequência (n) | Porcentagem (%) |
|--------------------------------------|----------------|-----------------|
| Área própria | 112 | 97,39 |
| Área Arrendada para terceiro | 9 | 7,82 |
| Existência de mão de obra permanente | 86 | 74,78 |

Fonte: Dados da pesquisa.

Esse fato merece destaque, em vistas do já exposto papel dos pecuaristas na conservação dos campos naturais do Bioma Pampa e dos traços socioculturais adquiridos ao longo dos anos. A produção pecuária originou uma identidade importante, não apenas sob o ponto de vista de valores individuais como também para a sociedade local no aspecto cultural. Em seu estudo, Pillar et al. (2009) destacam que a atividade pecuária, aliada a um correto manejo e com estratégias que auxiliem sua rentabilidade, formam um conjunto chave para a conservação das características ecossistêmicas do Bioma Pampa. Ainda, cabe destacar que 74,78% da amostra conta com mão de obra permanente na propriedade, indicando o viés de exploração econômica dos sistemas produtivos.

Ao analisar os espaços coletivos ocupados pelos pecuaristas, visualiza-se um grau mediano de associativismo demonstrado, conforme Tabela 4. Um dos fatores que pode explicar essa característica, remonta o surgimento das estâncias na região da Campanha, e seu papel individualista de conservação das fronteiras do Brasil, conforme descreve Fontoura (2005).

Tabela 4 - Participação da amostra em sindicatos e associações/núcleos de produtores.

| Participação em associação, núcleo de produtores ou raças | Frequência (n) | Porcentagem (%) |
|---|----------------|-----------------|
| Não | 59 | 51,30 |
| Sim | 56 | 48,70 |
| Total | 115 | 100,0 |
| Participação em sindicato | | |
| Não | 53 | 46,09 |
| Sim | 62 | 53,91 |
| Total | 115 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa.

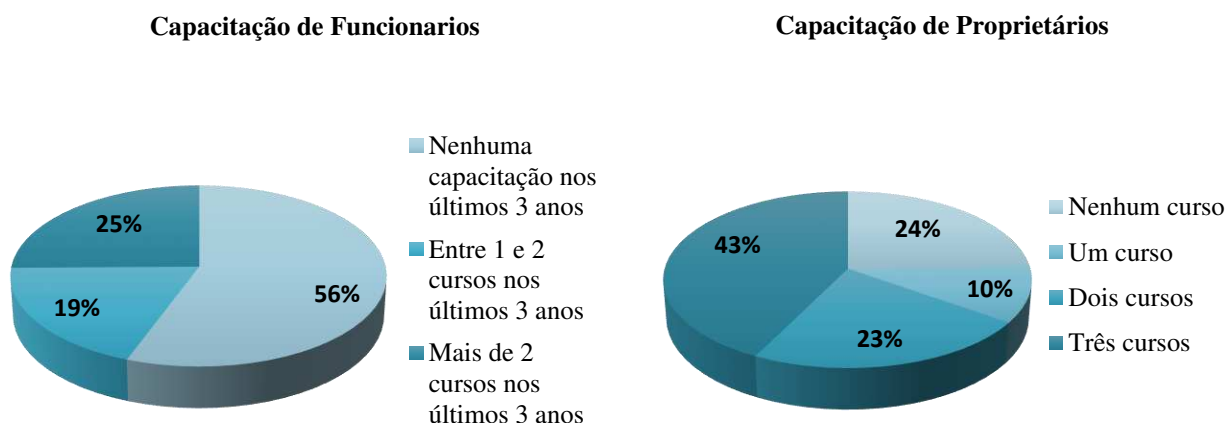
Tal característica persiste é ratificada nesse estudo, onde menos da metade dos produtores afirmam ocupar espaços destinados a colaboração coletiva. Esta característica traz implicações de fragilidade à categoria, especialmente no âmbito de comercialização, demandas de infraestrutura e acesso a políticas públicas para manutenção das suas atividades.

Assim, ocupar espaços coletivos é determinante para a própria continuidade da organização pecuária. Produtores que participam desses meios têm maior grau de conectividade com outros produtores e com os demais elos da cadeia agroindustrial, facilitando desde o acesso às informações, insumos, mercados e de crédito rural (CARRER et al., 2013).

Em paralelo a participação coletiva, Paniago e Hellmeister Filho (2012) ressaltam que o conhecimento e a capacitação técnica também são elementos determinantes para a sustentabilidade na pecuária. A Figura 3 apresenta a frequência de capacitação técnica dos produtores e seus funcionários nos último três anos. Pode-se observar uma discrepância na frequência de capacitação de produtores e funcionários. Ou seja, a preocupação que os produtores têm com a sua qualificação não é a mesma no momento de referir-se aos seus

funcionários. Os dados indicam que 66% dos produtores buscaram dois ou mais cursos de capacitação nos últimos três anos, no entanto, 56% dos produtores não ofereceram nenhuma capacitação técnica aos funcionários no mesmo período. Para parte da amostra de produtores, a qualificação de funcionários é um custo e não um investimento, além de que um funcionário capacitado pode custar mais caro em termos salariais, a despeito dos ganhos de produtividade que o funcionário possa gerar. Essa visão simplista limita a sustentabilidade social dos estabelecimentos, visto que a capacidade técnica dos funcionários é um fator determinante para o desempenho produtivo e permanência no meio rural.

Figura 3 - Frequência de capacitação técnica de produtores e seus funcionários nos último três anos nas organizações pecuárias amostradas.



Fonte: Dados da pesquisa.

A relevância da pecuária de corte para a manutenção das relações sociais, bem como da preservação de um modo de vida em sinergia com o Bioma Pampa, fica demonstrada na Tabela 5. Os dados indicam que 80,87% dos produtores afirmam que a família possui exploração pecuária há mais de 30 anos. Tal constatação, resulta na conservação dos saberes locais e da cultura, com a garantia de passagem para as gerações vindouras, visto que apenas 8,7% consideram baixa ou muito baixa a importância desses fatores na sua atividade.

O importante papel da pecuária de corte na conservação dos saberes locais, do modo de vida único dos atores sociais edificado ao longo dos tempos, já foi evidenciado no estudo de Matte, Spanvello e Andreatta (2015), onde as autoras indicam que a descontinuidade das organizações, em consequência das disfunções do processo sucessório, acarreta, também, a perda desses fatores.

Nesse sentido, não apenas prejuízos sociais podem ser gerados a partir da perda dos saberes locais, mas também prejuízos econômicos, visto que Malafaia, Azevedo e Barcellos (2011) afirmam que simbiose da pecuária com o seu o território gera diferenciações de qualidade e agregação de valor à produção.

Tabela 5 - Importância dos saberes locais e do tempo da família na atividade para as organizações pecuárias amostradas.

| Tempo de vivência da família na pecuária | Frequência (n) | Porcentagem (%) |
|--|-----------------------|------------------------|
| Menor que 10 anos | 4 | 3,48 |
| De 10 a 20 anos | 7 | 6,09 |
| De 20 a 30 anos | 11 | 9,56 |
| Maior que 30 anos | 93 | 80,87 |
| Total | 115 | 100,0 |
| Importância do conhecimento local, cultura e tradição | | |
| Muito Baixa | 2 | 1,74 |
| Baixa | 8 | 6,96 |
| Media | 37 | 32,17 |
| Alta | 53 | 46,09 |
| Muito Alta | 15 | 13,04 |
| Total | 115 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa.

Diante disso, emerge a necessidade da melhor compreensão do processo sucessório nas organizações pecuárias, como um elemento vital para sua sustentabilidade social. Assim, a Tabela 6 apresenta a predisposição para sucessão nas organizações pecuárias pesquisadas. Ressalta-se que é no processo de sucessão que se assegura a continuidade da atividade e dos valores sociais presentes no território.

Tabela 6 – Predisposição de sucessão nas organizações pecuárias pesquisadas.

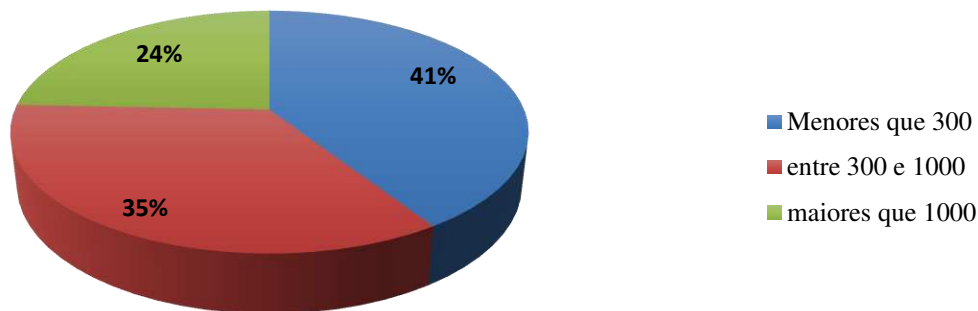
| Existência de sucessão | Frequência (n) | Porcentagem (%) |
|--|-----------------------|------------------------|
| Sem sucessores, proprietário com 60 anos ou mais. | 2 | 1,74 |
| Sem sucessores, proprietário entre 40 e 59 anos. | 5 | 4,35 |
| Sem sucessores, proprietário com menos de 40 anos | 8 | 6,96 |
| Existem sucessores sem interesse de gerenciar/trabalhar na propriedade. | 15 | 13,04 |
| Existem sucessores com interesse de gerenciar/trabalhar na propriedade. | 85 | 73,91 |
| Total | 115 | 100,0 |

Fonte: Dados da pesquisa.

Visualiza-se que 73,91% dos produtores informam que existem sucessores com interesse de gerir a organização pecuária e/ou de trabalharem na mesma, o que tende a diminuir a possibilidade de descontinuidade do sistema produtivo. Esse número pode comunicar-se com o fato de que muitos dos respondentes estão em propriedades em que a cultura pecuária está enraizada no âmbito familiar, tornando-se um processo natural passado de geração para geração. Apenas 13,05% dos pecuaristas indicaram não haver sucessores, determinando uma baixa parcela de organizações sem perspectiva de continuidade.

Por outro lado, do ponto de vista produtivo, quando se analisa a distribuição fundiária das organizações pesquisadas, observa-se uma heterogeneidade no tamanho dos estabelecimentos, sendo a maior parcela de propriedades com até 300 hectares, conforme Figura 4.

Figura 4 – Distribuição da área total, em hectares, das propriedades amostradas.

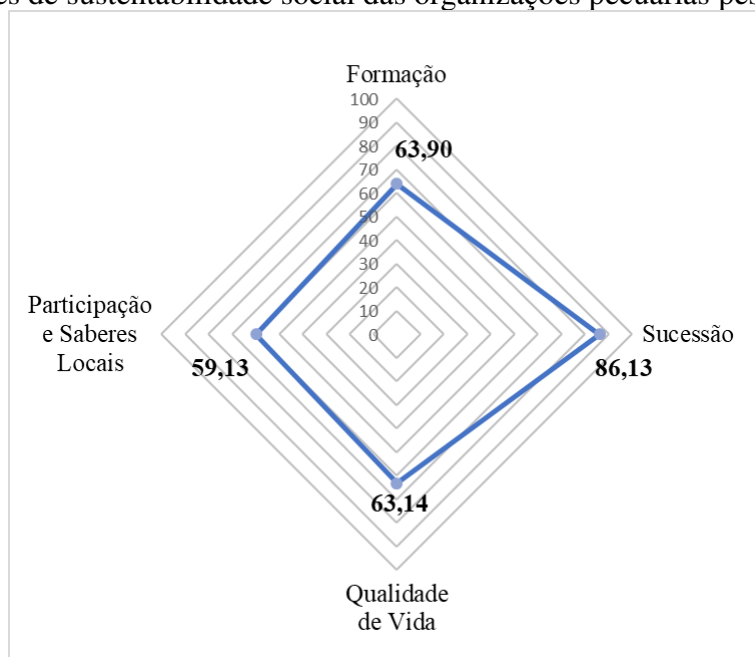


Fonte: Dados da pesquisa.

Tal questão é relevante no que tange a transmissibilidade da terra, ou seja, a capacidade que os sucessores possuem de seguir explorando a propriedade após a transmissão por parte do sucedido. Na pecuária de corte esse é um fator crítico, haja vista que uma propriedade de 300 hectares, partilhada em diferentes herdeiros, pode significar o colapso do sistema produtivo caso os sucessores tenham objetivos e expectativas distintas para suas áreas. Dessa forma, apesar das propriedades pecuárias apresentarem sucessores, há a possibilidade de não haver transmissibilidade dos sistemas produtivos. Um possível resultado pode ser o êxodo de jovens para centros urbanos e a consequente incorporação das áreas de pecuárias por outras atividades agrícolas. Assim, a Campanha Gaúcha, região que se estruturou em face da exploração pecuária, a descontinuidade das organizações pode impactar em dinâmicas locais.

Por fim, ao integrar os resultados apresentados, o método MESMIS possibilita determinar o grau de sustentabilidade social das organizações pecuárias pesquisadas, segmentando os indicadores nos âmbitos de formação, participação e saberes locais, qualidade de vida e sucessão. Dessa forma, a Figura 5 apresenta a distribuição dos índices de sustentabilidade social da amostra de 115 organizações pecuárias pesquisadas. O índice geral dos indicadores da amostra foi de 68,66, indicando um grau médio-elevado de sustentabilidade social. Esse resultado indica que as organizações pesquisadas da Campanha Gaúcha apresentam práticas sociais capazes de perpetuar os sistemas de produção pecuários para gerações futuras, sendo uma atividade com importante valor social para a região e para a cultura do Rio Grande do Sul.

Figura 5 - Indicadores de sustentabilidade social das organizações pecuárias pesquisadas.



Fonte: Dados da pesquisa.

Destaca-se o índice mais elevado (86,13) no âmbito sucessão, demonstrando que, pelo menos, em grande parte das organizações, existem sucessores predispostos manter-se na atividade. A qualidade de vida apresenta um índice médio de sustentabilidade (63,14), influenciado, especialmente, pelas boas condições de infraestrutura de moradia, infraestrutura de produção e disponibilidade de água e luz. No entanto, ressalta-se a inexistência de serviços de saúde e educação no meio rural, a indisponibilidade de comunicação plena e as péssimas condições dos acessos e estradas rurais.

Ainda, devido a região da Campanha Gaúcha ser um dos berços da pecuária de corte no Brasil, preocupa o fato de o âmbito “participação e saberes locais” apresentar, relativamente, o índice mais baixo (59,13) de sustentabilidade. O índice baixo de participação e saberes locais reforçam a necessidade de maior associativismo dos pecuaristas como forma de fortalecer a comercialização e o acesso a políticas públicas. Além disso, a pecuária de corte carrega consigo a preservação de traços culturais e sociais de um modo de vida típico do Pampa, assim, a desvalorização dos saberes locais pode impactar negativamente nessa preservação.

5. CONCLUSÕES

Por todo o exposto, o presente estudo buscou analisar a questão da sustentabilidade social de organizações pecuárias na região da Campanha do Rio Grande do Sul, historicamente reconhecida pelos seus campos naturais e sua vocação agrícola.

No que se refere a dimensão social, essa abarca conceitos que vão desde um ambiente que proporcione desenvolvimento aos agentes que lá o integram, até a conservação de valores socioculturais edificados e consolidados por gerações passadas. Ao verificar os índices de sustentabilidade social das organizações pecuárias da amostra, os dados apontam para um indicador acima da média nas três microrregiões da Campanha Gaúcha, demonstrando que há uma boa base de formação, valorização dos saberes locais, qualidade de vida e sucessão nas organizações estudadas. Esse cenário, somado a estratégias e políticas públicas adequadas, podem ajudar na manutenção e desenvolvimento da pecuária de corte na Campanha Gaúcha.

Para futuras estudos, sugere-se a ampliação do espectro de pesquisa, contemplando também as outras duas dimensões da sustentabilidade, a ambiental e a econômica, bem como a

ampliação do número de propriedades estudadas, como forma de validar-se os achados nessa pesquisa. Não obstante, espera-se que os resultados encontrados contribuam nas tentativas de compreender com mais clareza a relação dos sistemas pecuários com o Pampa e a sociedade gaúcha.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à FAPERGS pelo auxílio financeiro da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, D. R. et al. **Estatística aplicada à administração e economia**. São Paulo: Pioneira, 2005.
- BARBIERI, J. C. et al. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições/Innovation and sustainability: new models and propositions/Innovación y sostenibilidad: nuevos modelos y proposiciones. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 2, p. 146, 2010.
- BARBOSA, G. S. O desafio do desenvolvimento sustentável. **Revista Visões**, 4ª Edição, v. 1, n.4, 2008.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. 1999.
- CÂNDIDO, G. A. et al. Avaliação da sustentabilidade de unidades de produção agroecológicas: um estudo comparativo dos métodos Idea e Mesmis. **Ambiente & Sociedade. São Paulo**, v. 18, n. 3, 2015.
- CARRER, M. J. et al. Determinantes da demanda de crédito rural por pecuaristas de corte no estado de São Paulo. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 3, p. 455-478, 2013.
- CORAL, E. **Modelo de planejamento estratégico para a sustentabilidade empresarial**. 2002. 282f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2002.
- DIXON, J. A.; FALLON, L. A. The concept of sustainability: origins, extensions, and usefulness for policy. **Society & Natural Resources**, v. 2, n. 1, p. 73-84, 1989.
- EGRI, C. P.; PINFIELD, L. T. Organizations and the biosphere: Ecologies and environments. **Managing organizations**, p. 209-233, 1999.
- ELKINGTON, J. Partnerships from cannibals with forks: The triple bottom line of 21st-century business. **Environmental Quality Management**, v. 8, n. 1, p. 37-51, 1998.
- FONTOURA, L. F. M.; QUADROS, A. S. Macanudo Taurino: uma espécie em extinção? Um estudo sobre o processo de modernização na pecuária da Campanha gaúcha. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 20, n. 1, 2000.
- FONTOURA, L. F. M. A pecuária empresarial como agente modernizador na Região da Campanha. **PRIMEIRAS JORNADAS DE ECONOMIA REGIONAL COMPARADA. Anais... Porto Alegre: FEE**, p. 1-10, 2005.
- GONÇALVES, B. S. O Compromisso das Empresas com o Meio Ambiente-a Agenda Ambiental das Empresas e a Sustentabilidade da Economia Florestal. **São Paulo: Instituto Ethos**, 2005.
- KOLK, A.; HONG, P.; VAN DOLEN, W. Corporate social responsibility in China: an analysis of domestic and foreign retailers' sustainability dimensions. **Business Strategy and the Environment**, v. 19, n. 5, p. 289-303, 2010.

LÓPEZ-RIDAURA, S.; MASERA, O.; ASTIER, M. Evaluating the sustainability of complex socio-environmental systems. The MESMIS framework. **Ecological indicators**, v. 2, n. 1-2, p. 135-148, 2002.

MALAFAIA, G. C.; AZEVEDO, DB de; BARCELLOS, J. O. J. Terroir, empreendedorismo e mecanismos de coordenação na pecuária de corte. **Rev. Bras. Zootec**, v. 40, p. 195-203, 2011.

MASERA, O.; ASTIER, M.; LÓPEZ-RIDAURA, S. **Sustentabilidad y manejo de recursos naturales**: el marco de evaluación MESMIS. México: Mundiprensa, GIRA, UNAM, 1999.

MATTE, A.; SPANEVELLO, R. M.; ANDREATTA, T. Perspectivas de sucessão em propriedades de pecuária familiar no município de Dom Pedrito-RS. **Holos**, v. 1, 2015.

MCKENZIE, S. **Social sustainability**: towards some definitions. Hawke Research Institute University of South Australia Magill, South Australia, 2004.

MEBRATU, D. Sustainability and sustainable development: historical and conceptual review. **Environmental impact assessment review**, v. 18, n. 6, p. 493-520, 1998.

PANIAGO, R.; HELLMEISTER FILHO, P. Pecuária sustentável: novo ou antigo paradigma da produção animal?. **Revista UFG**, v. 13, n. 13, 2012.

PILLAR, V.P.; MÜLLER, S.C.; CASTILHOS, Z.M.S.; JACQUES, A.V.A. (eds.). **Campos Sulinos, conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009. 403 p.

RATTNER, H. Sustentabilidade-uma visão humanista. **Ambiente & sociedade**, n. 5, p. 233-240, 1999.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Editora Garamond, 2000.

SICHE, R. et al. Índices versus indicadores: precisões conceituais na discussão da sustentabilidade de países. **Ambiente & sociedade**, 2007.

SILVEIRA, Vicente Celestino Pires; GONZÁLEZ, José Antonio; FONSECA, Eliana Lima da. Land use changes after the period commodities rising price in the Rio Grande do Sul State, Brasil. **Ciência Rural**, v. 47, n. 4, 2017.

VALLANCE, S.; PERKINS, H. C.; DIXON, J. E. What is social sustainability? A clarification of concepts. **Geoforum**, v. 42, n. 3, p. 342-348, 2011.

VIFELL, A. C.; SONERYD, L. Organizing matters: how 'the social dimension' gets lost in sustainability projects. **Sustainable Development**, v. 20, n. 1, p. 18-27, 2012.

WESTERN AUSTRALIAN COUNCIL OF SOCIAL SERVICE. **Submission to the state sustainability strategy consultation paper**. 2002. Disponível em: <www.sustainability.dpc.wa.gov.au/docs/submissions/WACOSS.pdf>. Acesso em: 08 de dez. 2018.